
APRESENTAÇÃO: FRONTEIRA, CULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS NA AMAZÔNIA

Carmentilla das Chagas Martins¹

Kátia Cilene do Couto²

O dossiê **Fronteira, Cultura e Políticas Públicas na Amazônia**, presente na atual edição da Revista PRACS, busca trazer reflexões sobre o sentido, etapas e limites do conhecimento acerca das experiências de vida social em alguns lugares da Amazônia brasileira. As discussões apresentadas nos diversos artigos do dossiê são importantes para a região, pois a diversidade de abordagens teóricas e metodológicas realiza uma tessitura entre temas que, devidamente refletidos, contribuem para a superação das visões exóticas ou das que homogeneízam as diferenças culturais presentes na região. Por diferenças culturais se pretende pôr em evidência os modos de ser, pensar e viver entre as múltiplas realidades da Amazônia.

A pedra de toque deste dossiê se encontra na fronteira como noção para pensar inter-relações e demarcações, transitividades e seletividades, rupturas e continuidades. Os textos trazem debates sobre inventividades relativas a questões não devidamente visitadas, hipóteses pendentes de verificação e inovações metodológicas. Tudo com vistas a configurar um arcabouço epistemológico de proposições afirmativas que fortaleçam o ambiente semântico que subsidia a elaboração de políticas públicas.

Ao referir-se a questões pendentes de pesquisas, cita-se o artigo “*A contribuição das áreas protegidas brasileiras para a conservação na fronteira amazônica oriental*”, em que as autoras Daguinete Brito, Tereza Castro Dias, Bruna Bastos, Poliana Freitas e

¹ Doutora e Mestre em Ciências Sociais. Professora Associada 1 no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, onde integra o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira-PPGEF e Programa de Pós-Graduação em Ensino de História-ProfHistória. E-mail: carmentilla@unifap.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6308-1096>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9177083233995620>

² Doutora e Mestre em História, Professora Associada III no curso de História da Universidade Federal do Amazonas, ocupa a cátedra de História da América, com especialidade em História do Caribe. Suas pesquisas têm como foco Afro-América, Migrações, Trabalho, Gênero, Memória., Identidade. E-mail: ka.couto5@gmail.com ou kacouto@ufam.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1284-9493>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8544583488599006>

Vera Mendes realizam uma reflexão sobre as áreas institucionais de proteção e/ou conservação da biodiversidade socioambiental. Tendo como recorte espacial a fronteira internacional Amapá-Guiana Francesa-Suriname, o estudo demonstra que as fronteiras criadas na delimitação de tais áreas institucionais são relevantes não somente para avaliar diferentes graus de intervenção antrópica, como também para o desenvolvimento socioeconômico da região fronteiriça.

Comunidades mato-grossenses que fazem parte da Amazônia legal são estudadas nos textos “*Campesinato e pandemia: as relações socioproductivas no assentamento 12 de outubro, no município de Cláudia-MT, mediante a ameaça do covid-19*”, de Amandla Silva Sousa e Armando Wilson Tafner Júnior, e “*As fronteiras discursivas na colonização e ocupação da Amazônia brasileira*”, de Leandro José do Nascimento e Boninne Monalliza Brun Moraes. Neste último, o estudo se concentra na noção de fronteira como uma construção simbólica fruto de uma rede de sentidos ou efeitos de verdade que emanam do discurso da colonização e da ocupação da Amazônia brasileira. O outro artigo toma a distinção entre campesinato e agronegócio no contexto da pandemia do covid-19 para discutir a reprodução social dos camponeses. O estudo demonstra que durante aquela pandemia, o medo da morte não atemorizou o camponês tanto quanto o receio de ficar incapacitado para produzir sua subsistência. Assim sendo, os homens da comunidade partiram em busca de outros rendimentos, enquanto as mulheres permaneceram para cuidar dos que ficaram, da roça e da criação. Nas conversas realizadas em formato virtual com pessoas da comunidade 12 de Outubro, foi possível identificar uma sobrecarga de tarefas sobre as mulheres durante esse período.

Maria Angelita da Silva, no artigo “*Por uma episteme de fronteira: proposição para o estudo das relações interculturais na formação de identidade no Alto Solimões*”, propõe um arcabouço teórico para o estudo das relações interculturais na formação de identidade na região do Alto Solimões, no noroeste do Estado do Amazonas, tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia. O argumento é de que a formação de identidades naquela região ocorre a partir de epistemes próprias, alicerçadas na dinâmica de cultivo de experiências culturais e de conhecimento na produção da vida nesses espaços geopolíticos e de pluralidade linguística, cultural, epistemológica e ontológica. A

relevância do estudo está na possibilidade de abrir novas perspectivas de pesquisa e no apoio à proposição de políticas públicas isonômicas.

Raimundo Nonato Pereira da Silva, autor de *“Rompendo as fronteiras: rios e trilhas dos Kokama na Amazônia”*, analisa as vivências destes indígenas quando foram submetidos à ação estatal e missionária na região do rio Amazonas, no Peru e no alto Solimões, Brasil. Caracteriza a ação política, bem como a resposta dos indígenas a esta demanda. Para esse momento, as literaturas etno-históricas e antropológicas foram de suma importância. A operacionalização dos conceitos de contexto, situação e fronteiras étnicas possibilitou destacar a dinâmica política Kokama, demonstrando que esta não é aleatória, sendo articulada a partir das dimensões cultural e étnica.

O ensaio de Valdriana Lira da Costa, Mateus da Silva Oliveira, Marcos Samuel Costa da Conceição, Carla Ladeira Pimentel Águas, Cristina Alejandra Larraín Manzo, Lara Ramos Monteiro Silva, Iraima Lugo-Montilla, Gabriela Marino Silva, Manuela Gomes da Rocha, Daniela Albini Pinheiro e Leda Maria Caira Gitahy, *“Diálogos em fronteiras interculturais: povos da Amazônia no Instituto de Geociências – UNICAMP”*, traz a interculturalidade surgida no projeto “Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação – Povos da Amazônia no Instituto de Geociências: intercâmbio de experiências e conhecimentos interculturais”, realizado entre janeiro e fevereiro de 2020. As atividades foram desenvolvidas no Programa “Ciência e Arte – Povos da Amazônia” (CAPA), que teve o objetivo de possibilitar o contato entre estudantes indígenas, quilombolas, ribeirinhos e extrativistas da Universidade Federal do Pará (UFPA) com a vida acadêmica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A experiência em análise desvelou uma ruptura de visões cristalizadas sobre a alteridade, evidenciando a riqueza do encontro intercultural para a construção coletiva do conhecimento.

“Avaliação dos serviços de Vigilância Epidemiológica na fronteira do Amapá e Guiana Francesa”, de Silvia Claudia Cunha Maués e Jodival Mauricio da Costa, realiza uma avaliação da efetividade da vigilância epidemiológica na região de fronteira. Os dados apontaram para a consideração de que em ambos os países há instrumentos legais e competências bem definidas acerca das atividades dos serviços, os quais estão previstos em lei e atendem às recomendações do Regulamento Sanitário Internacional

(RSI), de 2015. Contudo, na escala local sua implementação apresenta fragilidades que apontam para a necessidade de cooperação transfronteiriça e compartilhamento mais eficiente de informações epidemiológicas na zona de fronteira do Amapá com a Guiana Francesa.

As inovações metodológicas são objeto de reflexões de Antonio Sabino da Silva Neto em “*O labor da pesquisa: lapidando o campo na fronteira franco-brasileira*”. Na construção de sua argumentação, o autor problematiza o percurso metodológico empregado numa pesquisa sociológica construída na fronteira franco-brasileira. Discute as aproximações e os distanciamentos no processo de entrada em um campo recheado por práticas classificadas pelos Estados Nacionais como ilegais. Postula que a experiência em campo, com a realização de entrevistas, é fundamental para o desenvolvimento do trabalho, especialmente para a interpretação de categorias nativas. Não obstante, soma-se à argumentação a defesa da utilização de outras fontes, a exemplo de jornais e revistas, que possibilitam construir uma visão geral do objeto de estudo, convergindo em novas interpretações. Conclui que a pesquisa deve construir diversos caminhos, ancorada na pluralidade de fontes, para que possa constituir e interpretar um objeto sociológico.

O dossiê finaliza com a resenha da obra “*Capitalismo Autoritário e Campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*” e a entrevista com Dr. Cristhian Teófilo da Silva. Na resenha se propõe um revisitar o clássico do pensamento social brasileiro de Otávio Guilherme Velho. A multiplicação das fronteiras que vem ocorrendo desde final do século XX se apresenta como processo histórico que modela as interações sociais em diferentes espaços e tempos. Sua tese da fronteira em movimento se mostra como categoria para pensar não somente fronteiras visibilizadas pela política e/ou economia, mas, em especial aquelas invisíveis, erguidas entre as classes, os gêneros e as etnias.

A entrevista traz para o dossiê elementos que compõe as reflexões do Dr. Cristhian sobre as contribuições da pesquisa antropológica feita no Brasil para o estudo das fronteiras; como também argumentar sobre esta tecnologia de poder que institui regimes à mobilidade migratória. A entrevista expõe – a partir de levantamento realizado do lado brasileiro da fronteira – que quase 40% das terras indígenas constituídas no

Brasil estão em áreas de fronteira internacional, corroborando o argumento de que a noção de fronteira em movimento é adequada para conferir inteligibilidade a eventos e processos que demandam políticas públicas.

A Amazônia legal reúne 9 estados (Pará, Amapá, Roraima, Amazonas, Acre, Rondônia, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão) e 772 municípios, e os artigos aqui apresentados procuram trazer recortes de múltiplas existências nesta realidade cuja complexidade exige abordagens inovadoras. Argumenta-se em favor da superação de noções que se referenciam na projeção de imagens exóticas as quais acabam por mascarar toda heterogeneidade sociocultural que se manifesta nos aglomerados urbanos; nas pequenas cidades e povoados; nos territórios indígenas e/ou quilombolas; nas vilas em cima das águas à beira de rios, igarapés e lagos. Se faz necessário demarcar os lugares de onde se enunciam o viver e o existir na Amazônia, e se tem a expectativa de que os textos deste dossiê venham contribuir com esse processo de autoconhecimento.

As Organizadoras